



UC/FPCE\_2016

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**A Influência da Pressão Económica na Qualidade de Vida Familiar em Famílias com Filhos Jovens Adultos**

Inês Sofia de Castro Silvério (e-mail: [ines\\_sofia.silverio@hotmail.com](mailto:ines_sofia.silverio@hotmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde – subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar sob a orientação científica da Professora Doutora Luciana Sotero

## **Influência da Pressão Económica na Qualidade de Vida Familiar em Famílias com Filhos Jovens Adultos**

**Resumo:** As crises macroeconómicas que têm vindo a marcar as últimas décadas acabam por ter repercussões na vivência das famílias. O objetivo deste estudo foi analisar a relação entre pressão económica e qualidade de vida familiar de famílias com filhos jovens adultos em contexto de crise macroeconómica. Assim, pretendeu-se avaliar a influência de dois indicadores de pressão económica - necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros - na qualidade de vida familiar reportada por pais, mães e filhos jovens adultos. O protocolo de investigação foi aplicado a 112 famílias, perfazendo um total de 265 sujeitos (76 pais entre os 48 e os 53 anos; 97 mães entre os 34 e os 60 anos; e 92 jovens adultos entre os 18 e os 29 anos). Os resultados evidenciaram que os indicadores de pressão económica avaliados influenciam negativamente a perceção da qualidade de vida familiar de pais, mães e filhos. De um modo geral, este estudo contribuiu para a compreensão da relação entre pressão económica e qualidade de vida familiar e, em particular, para um conhecimento mais aprofundado acerca das famílias com filhos jovens adultos num contexto de crise macroeconómica.

**Palavras-chave:** crise macroeconómica, pressão económica, qualidade de vida familiar, famílias com filhos jovens adultos

## **The Influence of Economic Pressure on the Quality of Life in Families with Young Adult Children**

**Abstract:** The macroeconomic crises that have marked the last decades end up having repercussions on the family living experience. The aim of this study was to analyze the relationship between economic pressure and the quality of life of families with young adult children in the context of macroeconomic crisis. Thus, the aim was to evaluate the influence of two economic pressure indicators – unsatisfied material needs and financial adjustments and cuts - in the family quality of life as experienced by parents and young adult children. The research protocol was applied to 112 families, making a total of 265 subjects (76 fathers between 48 and 53 years; 97 mothers between 34 and 60 years; 92 young adults between 18 and 29 years). The results showed that the assessed economic pressure indicators negatively influence the perception of quality of life by both the parents and their children. In general, this study contributed to understand the relationship between economic pressure and quality of family life, and in particular to a deeper understanding of families with young adult children in the context of macroeconomic crisis.

**Key Words:** macroeconomic crisis, economic pressure, quality of family life, families with young adult children.

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Ana Paula Relvas pelos ensinamentos partilhados, por toda a sabedoria, rigor e exigência que tanto contribuiu para o meu crescimento sistémico.

À minha orientadora, Doutora Luciana Sotero e à Mestre Gabriela Fonseca por toda a dedicação, disponibilidade, partilha, encorajamento, motivação e confiança. Um sincero obrigada!

Ao meu pai, Olga, Diogo e Anna por todo o apoio, por acreditarem e me fazerem sentir capaz, pela compreensão e força que nunca me deixaram desistir. Esta é também uma vitória vossa!

Aos meus avós, pelo amor incondicional. Pelos olhares e abraços apertados que tanto me enchem o coração, pela presença e preocupação constante, pelo brilho do vosso olhar transparecer orgulho. Por aquilo que hoje sou se dever muito a vós. Por serem o melhor que este mundo tem!

Ao António, por toda a paciência, por todos os desabafos e por me transmitir a confiança e motivação que em tantos momentos precisei. Por ter feito este caminho comigo e nunca ter deixado de acreditar que seria capaz. Obrigada!

A Coimbra e às pessoas que deste percurso fizeram parte, às recentes e às que desde o primeiro dia estiveram comigo. Não poderia ter escolhido melhor cidade, não poderia ter escolhido melhor família fora de casa. A todos vocês o meu verdadeiro agradecimento!

## Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>I – Enquadramento Conceptual</b> .....	2
1.1 Contexto Macroeconómico.....	2
1.2 Repercussões psicossociais da crise económica.....	3
1.2.1 Repercussões a nível individual .....	3
1.2.2 Repercussões a nível familiar.....	4
1.3 Qualidade de vida familiar .....	6
1.4 Famílias com filhos jovens adultos .....	8
<b>II – Objetivos</b> .....	10
<b>III - Metodologia</b> .....	10
3.1 Amostra .....	10
3.2 Procedimentos de seleção e recolha da amostra .....	12
3.3 Instrumentos .....	13
3.4 Análise Estatística .....	15
<b>IV - Resultados</b> .....	16
<b>V – Discussão</b> .....	23
<b>VI - Conclusões</b> .....	28
<b>Bibliografia</b> .....	29

## Introdução

Ao longo dos anos a investigação tem-se dedicado ao estudo da influência do estatuto socioeconómico no desenvolvimento humano (Davis & Havighurst, 1946). Deste modo, diversos autores (Aytaç & Rankin, 2009; Conger & Conger, 2002; Conger, Conger & Martin, 2010; Elder, Conger, Foster, & Ardel, 1992) sugerem que circunstâncias económicas desfavoráveis têm um impacto negativo a nível individual (e.g., *distress* emocional) e familiar (e.g., conflito conjugal). Atualmente, a população de inúmeros países poderá estar a enfrentar situações económicas adversas devido à recessão que se iniciou em 2008 nos Estados Unidos da América (EUA) e que se repercutiu no mundo inteiro (Brooks-Gunn, Schneider, & Waldfogel, 2013) – integrando Portugal o leque de países que foram particularmente afetados por esta crise (Lourtie, 2011).

Os estudos focados nas interfaces entre crise macroeconómica e família têm-se centrado maioritariamente no impacto adverso da pressão económica ao nível da conjugalidade e parentalidade em famílias nucleares intactas com filhos pequenos e adolescentes (Conger & Conger, 1992; Stein et al., 2011). Mais recentemente, alguns autores (e.g., Stein et al., 2011) têm sugerido que as famílias com filhos jovens adultos podem ser afetadas pela crise de uma forma particular, uma vez que tarefas como a facilitação da saída de casa dos filhos e a consequente autossuficiência financeira expectável nesta etapa podem vir a ser comprometidas.

Neste sentido, e atendendo ao atual contexto de crise macroeconómica, o presente estudo pretende contribuir para a compreensão da relação entre pressão económica e qualidade de vida familiar em famílias com filhos jovens adultos.

## I – Enquadramento Conceptual

### 1.1 Contexto macroeconómico

Em 2008 assistiu-se ao despoletar de uma recessão económica global que atingiu inúmeros países, particularmente na Europa (Brooks-Gunn, Schneider, & Waldfogel, 2013). Durante os anos seguintes, Portugal tentou resistir ao contexto de uma crise de dívida soberana e à crescente pressão dos mercados sobre as economias mais vulneráveis (Lourtie, 2011). No entanto, o fraco crescimento económico e os défices orçamentais refletiram-se num resgate financeiro (Lourtie, 2011). Assim, em 2011, depois da Irlanda e da Grécia, Portugal tornou-se no terceiro estado membro da zona euro a pedir ajuda financeira internacional da União Europeia (UE) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) (Lourtie, 2011). Como tal, foi implementado em Portugal um programa de ajustamento económico e financeiro que se traduziu para a população portuguesa em medidas de austeridade como: redução dos salários do setor público; bloqueio de novas contratações na administração pública; proibição de promoções de carreira e progressões salariais; redução de subsídios e apoios sociais; congelamento das pensões; aumento da taxa percentual do IVA; cortes na saúde, educação, empresas públicas e autarquias; e redução dos benefícios fiscais (Lourtie, 2011).

De acordo com as estimativas mensais do Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes ao mês de abril de 2016, a taxa de desemprego portuguesa, entre os 15 e os 74 anos, atingiu os 12,3%. Relativamente aos jovens, entre os 15 e os 24 anos, a taxa de desemprego alcançou os 30,0% (INE, 2016). Comparativamente a 2008, verificou-se que: a percentagem de jovens empregados e que não estudam diminuiu de 29,8% para 16,6%; a percentagem de jovens que estavam a estudar (empregados ou não) aumentou de 60,0% para 69,3%; e a percentagem de jovens que não estavam empregados nem a estudar aumentou de 10,2% para 14,1%; (INE, 2014).

Recentemente, alguns autores (e.g., Greenleaf, 2014; Stein et al., 2011) sugerem que são os jovens os mais expostos aos efeitos das mudanças na economia decorrentes da crise económica, enfrentando grandes desafios em encontrar emprego no atual mercado de trabalho.

Assim, torna-se compreensível face à informação apresentada que uma crise macroeconómica seja identificada por diversos autores (e.g., Minuchin, 1979; Voydanoff, 1990) como uma potencial fonte de *stress* para indivíduos e famílias.

## **1.2 Repercussões psicossociais da crise económica**

### **1.2.1 Repercussões a nível individual**

Períodos de crise macroeconómica podem ter implicações negativas na vida dos indivíduos (Voydanoff, 1990). De acordo com um estudo levado a cabo pela Associação para o Desenvolvimento Económico e Social (SEDES, 2012), perante a atual crise macroeconómica, os “cortes” que os portugueses realizaram centraram-se nas atividades de lazer, redução na despesa em bens de consumo essenciais, tais como alimentação, água, eletricidade e gás, na educação dos filhos e na saúde.

Estudos internacionais conduzidos em contextos de crises anteriores revelam que a experiência de adversidade económica se encontra associada ao aumento dos níveis de *stress*, irritabilidade e impulsividade (Liker & Elder, 1983) e, também, ao aumento de sintomatologia depressiva (Kinnunen & Pulkkinen, 1998).

Relativamente ao contexto da atual crise macroeconómica, os estudos realizados em diferentes países são consistentes com os resultados da investigação anterior. Na Argentina, Falconier (2010) verificou uma associação entre adversidade económica e comportamentos agressivos ligados à ansiedade nas mulheres e depressão nos homens. Em Portugal, segundo o estudo da SEDES (2012), a crise macroeconómica despoletou nos indivíduos *stress*, problemas de sono, redução de energia e declínio nas suas relações interpessoais. Por sua vez, um estudo realizado com a população grega (Economou, Madianos, Peppou, Patelakis & Stefanis, 2013) aferiu que existe um impacto da crise macroeconómica na saúde mental da população, consistente com uma forte associação entre depressão e adversidade económica. Ao nível da Europa, De Vogli (2014) apurou que a crise macroeconómica está associada ao aumento do número de suicídios e mortes por transtornos mentais, nomeadamente em indivíduos que perderam o

emprego, a casa e as atividades económicas devido à crise. Não obstante, Davis e Mantler (2004) defendem que a experiência de adversidade económica pode ser conotada positivamente e estar associada a mudanças vantajosas, tais como: encontrar um emprego mais satisfatório; desenvolver novas perspetivas; e adquirir competências na gestão das finanças pessoais.

### **1.2.2 Repercussões a nível familiar**

Sabe-se que períodos de crise macroeconómica podem trazer consequências adversas e severas para as famílias (Conger et al., 1990; Voydanoff, 1990). A investigação sobre crise económica e a vida familiar iniciou-se com a Grande Depressão de 1930 nos EUA e continuou a desenvolver-se nos períodos de recessão subsequentes (Voydanoff, 1990) em diferentes locais geográficos. Inicialmente, no contexto norte-americano, Liker e Elder (1983) observaram durante o período de 1929-1933 uma associação entre perda de rendimentos e um declínio na qualidade conjugal. Mais tarde, Johnson e Booth (1990) verificaram durante a crise agrícola de 1980 um efeito direto da pressão económica na comunicação conjugal.

Com o acumular da evidência dos estudos acerca das repercussões da crise económica nas famílias, sobretudo no contexto da grande crise agrícola que os EUA atravessaram na década de 80, surgiu o Modelo de *Stress Económico Familiar* (MSEF), desenvolvido por Conger e Elder (1994). De acordo com este modelo, a existência de adversidade económica provoca pressão económica nas famílias (Conger & Conger, 2002; Conger et al., 2010; Ferreira, Pedro & Francisco, 2015). As adversidades económicas são medidas através de marcadores objetivos acerca de condições económicas adversas como o baixo rendimento, dívidas elevadas e acontecimentos económicos negativos, como por exemplo perda de emprego ou instabilidade no trabalho (Conger et al., 2000). Por sua vez, o conceito de pressão económica refere-se às frustrações do dia-a-dia que conferem um significado psicossocial e *stressante* às adversidades experienciadas (Conger & Donnellan, 2007; Conger et al., 2000). A pressão económica é, assim, medida através de um conjunto de indicadores, tais como: incapacidade de responder a necessidades básicas (e.g., alimentação e vestuário adequado); incapacidade de pagar contas/fazer face às despesas; e a necessidade de fazer

cortes e ajustamentos em diversas áreas (e.g., compras e cuidados médicos) (Conger & Conger 2002; Conger et al., 2000). Assim, estes indicadores traduzem as circunstâncias económicas em experiências diárias que podem desmoralizar os membros da família e, por sua vez, influenciar negativamente o ambiente familiar (Conger et al., 2000; Elder et al., 1992).

De acordo com as evidências extraídas das diversas aplicações do modelo, verificou-se que as adversidades económicas quando associadas a pressão económica têm um impacto ao nível individual (e.g., irritabilidade, instabilidade emocional, sintomas depressivos, ansiedade, desmoralização e *stress*) (Conger & Conger, 1992; Conger & Conger, 2002; Conger & Elder, 1994), que se repercutem ao nível da conjugalidade (e.g., conflito conjugal) (Conger & Conger, 1992; Conger & Elder, 1994) e ao nível da parentalidade (e.g., hostilidade parental) (Conger & Conger, 1992; Conger & Conger, 2002; Conger et al., 2010). Por fim, este impacto nos cônjuges e pais reflete-se negativamente no ajustamento positivo das crianças e adolescentes (e.g., comportamentos antissociais, agressividade) (Conger & Conger, 2002; Elder et al., 1992).

O MSEF é um modelo bem suportado empiricamente, tendo vindo a ser replicado em inúmeros países. Neste sentido, o impacto negativo da pressão económica nas relações conjugais durante períodos de recessão foi verificado em países como a Turquia (e.g., *distress* emocional, problemas conjugais) (Aytaç & Rankin, 2009), a Roménia (e.g., conflito conjugal) (Robila & Krishnakumar, 2005) e a Coreia (e.g., *distress* emocional, satisfação conjugal) (Kwon, Rueter, Lee, Koh, & Ok, 2003). Já o impacto negativo da pressão económica ao nível da parentalidade foi verificado durante a recessão económica de 1990 na Finlândia (Solantaus, Leinonen, & Punamäki, 2004), onde se demonstrou que a redução do rendimento familiar, através da pressão económica sentida pelos pais constituiu um risco para a saúde mental dos adolescentes. Na Albânia (Kloep, 1995), observou-se que as adversidades económicas conduziram a uma diminuição da disciplina e a um aumento da hostilidade dos pais que, por sua vez, se traduziram em comportamentos depressivos e antissociais nas suas filhas.

Estudos mais recentes têm vindo a corroborar os resultados enquadrados no MSEF. Durante a recente recessão económica nos EUA foi constatada uma associação entre crise macroeconómica e o risco de maltrato

infantil em famílias com filhos pequenos (Brooks- Gunn et al., 2013). Em 2008, um estudo conduzido na Bélgica revelou um efeito direto entre baixo rendimento e depressão nas mães e um impacto adverso da pressão económica na parentalidade dos pais associado a problemas comportamentais nos adolescentes (Ponnet, 2014).

Note-se que estas investigações foram maioritariamente desenvolvidas com amostras de famílias nucleares intactas com filhos adolescentes, encontrando-se o estudo desta temática noutras etapas do ciclo vital familiar subinvestigado na literatura atual. Para além disso, o impacto da pressão económica nas famílias tem sido essencialmente avaliado ao nível dos subsistemas conjugal e parental, identificando-se uma lacuna no que concerne a estudos que relacionem o impacto da pressão económica com variáveis que considerem o sistema familiar como um todo (e.g., qualidade de vida familiar) (Fonseca, Cunha, Crespo & Relvas, no prelo). Deste modo, o presente trabalho propõe-se estudar a relação entre pressão económica e qualidade de vida familiar em famílias com filhos jovens adultos, pretendendo dar um pequeno contributo para o preenchimento das lacunas apontadas. Neste sentido, o tópico seguinte aborda o conceito de qualidade de vida familiar, atendendo à sua evolução e à própria diferenciação relativamente ao constructo de qualidade de vida individual. De seguida, serão abordadas algumas das características da etapa do ciclo vital da família em estudo, que acentuam particularmente a pertinência deste trabalho.

### **1.3 Qualidade de vida familiar**

A década de 90 constitui-se no principal marco de desenvolvimento do conceito de qualidade de vida (Cunha & Relvas, 2015). Um grupo de investigadores da Organização Mundial de Saúde (OMS) propôs como definição universal para este conceito – “a perceção do indivíduo, da sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL<sup>1</sup>, 1994, p.28). Neste sentido, estamos perante um conceito complexo e multidimensional, afetado por fatores como a saúde física, o

---

<sup>1</sup> The World Health Organization Quality of Life

estado psicológico, o nível de independência, bem como por crenças pessoais (WHOQOL, 1994).

É na sequência desta definição de qualidade de vida focada na perceção individual apresentada pela OMS que surge, suportada nos mesmos pressupostos, a conceptualização de qualidade de vida familiar (Schalock & Verdugo, 2006). Segundo Olson e Barnes (1982), a qualidade de vida familiar diz respeito ao ajustamento que a família faz tendo em conta o meio ambiente em que se insere. À semelhança da qualidade de vida individual, este constructo é multidimensional, podendo ser avaliado através de dimensões objetivas (e.g., indicadores sociais e económicos) e subjetivas (i.e., perceção do indivíduo face à realidade objetiva) (Olson et al., 1983; Simões, 2008).

Outras definições de qualidade de vida familiar colocam a tónica no grau de satisfação com que as necessidades de cada membro da família são atendidas, no grau de satisfação com que disfrutam do seu tempo juntos e no grau de satisfação com as atividades que podem fazer e que consideram ser importantes para a família (e.g., Park et al., 2003). Segundo Siu e Shek (2005), existem dois níveis sob os quais a qualidade de vida familiar pode ser percebida: o nível funcional da família (clima familiar e comunicação global entre os membros da família) e o nível das relações diádicas na família (e.g. qualidade das relações pais-filhos). Complementarmente, a perceção da qualidade de vida familiar varia consoante as tarefas e crises inerentes às etapas do ciclo vital da família, sendo potencialmente influenciada por variáveis como o nível socioeconómico, a zona de residência, a composição do agregado familiar e estrutura familiar (tipo de família) dos sujeitos (Morais, 2008; Vaz, 2010).

Em conclusão, a qualidade de vida individual e a qualidade de vida familiar distinguem-se somente através do alvo em avaliação, isto é, na qualidade de vida o foco incide no indivíduo, enquanto na qualidade de vida familiar o foco incide na perceção que o indivíduo tem do seu bem-estar e satisfação com a sua vida familiar em diferentes domínios (Fagulha, Duarte & Miranda, 2000; Schalock & Verdugo, 2006). Estes domínios podem ser de natureza física, social, emocional, cognitiva, familiar, pessoal, rede de suporte social e capacidade de integração dos membros da família na sociedade (Olson et al., 1983; Shek & Lee, 2007).

## 1.4 Famílias com filhos jovens adultos

Existem na literatura diversas designações para a etapa da “família com filhos adultos”, tais como: fase de lançamento dos filhos, fase de contração da família, etapa acordeão e etapa do ninho vazio (Alarcão, 2006; Relvas, 2004). Assim, esta fase é caracterizada por grande movimentação familiar marcada por múltiplas saídas e entradas no sistema, transformações relacionais importantes, e complexificação de papéis e estatutos no seio familiar. As principais tarefas desta etapa consistem em facilitar a saída dos filhos de casa, renegociar a relação de casal e aprender a lidar com o envelhecimento (Alarcão, 2006; Relvas, 2004). Neste sentido, para as famílias que se encontram na fase inicial desta etapa uma das tarefas mais relevantes prende-se com a facilitação da saída dos filhos de casa, com vista à construção autónoma das suas próprias vidas (Relvas, 2004). Alguns indicadores de uma separação bem-sucedida no jovem adulto são a aquisição de competências para um trabalho ou carreira, desenvolvimento de uma vida independente, de amizades estáveis e de relacionamentos íntimos (Alarcão, 2006; Bendit & Miranda, 2015; McCullough & Rutenberg, 2007; Relvas, 2004).

Segundo Coelho e Estramiana (2014), “ser jovem” caracteriza-se pela vivência de um período de procura de integração social, de independência e de autonomia; variando em função de fatores como a condição económica, o acesso ao trabalho e lazer, o nível de educação e a aquisição de residência própria. Nos últimos anos, tem-se verificado que a saída dos filhos de casa é adiada devido ao prolongamento dos estudos, às dificuldades em encontrar emprego e/ou a questões habitacionais, aos problemas económicos e à necessidade de uma maior maturidade para o casamento e para a parentalidade (Alarcão, 2006; Cairns, 2011).

Arnett, Žukauskiene e Sugimura (2014) propõem o conceito de adulez emergente, para o período desenvolvimental situado no intervalo entre o fim da adolescência e o antecedente à entrada na idade adulta, designadamente entre os 18 e 29 anos. Esta fase caracteriza-se por inúmeras possibilidades acerca do mundo e de rumos a tomar relativamente ao amor e ao trabalho (Arnett, 2000). A designação desta etapa surgiu em resposta à dificuldade que os jovens sentem em perceberem que atingiram a idade

adulta antes de obterem uma residência independente e estável, concluírem os estudos, iniciarem e estabelecerem uma carreira, casar ou terem uma relação de longo-prazo (Arnett, 2000; Tyndall & Christie-Mizell, 2016).

Atualmente, é expectável que as famílias com filhos jovens adultos enfrentem desafios acrescidos, já que algumas das tarefas desenvolvimentais que marcam este período do seu ciclo de vida podem ser dificultadas pelo cenário de crise macroeconómica no qual se vive. Alguns autores têm vindo a apoiar esta ideia (e.g., Greanleaf, 2014), reconhecendo, inclusivamente, que esta pode ser uma realidade global ao nível dos países industrializados (Bendit & Miranda, 2015). A este propósito, um estudo norte-americano (Stein et al., 2011) sobre o impacto da crise económica em famílias com filhos jovens adultos mostrou que, tanto nos jovens adultos como nos pais, os relatos de pressão económica foram positivamente relacionados com estados depressivos e de ansiedade. Este estudo mostrou ainda que os pais apresentavam preocupações com o futuro dos seus filhos.

Na Argentina, Bendit e Miranda (2015) constataram que, em contexto de crise económica, os jovens despendem menos tempo na educação. O mesmo estudo evidenciou que as escolhas que os jovens fazem em contexto de crise económica variam consoante a classe social em que se inserem (Bendit & Miranda, 2015). Assim, os jovens que pertencem a um nível socioeconómico (NSE) elevado tendem a definir trajetórias com base nos seus interesses individuais, enquanto os jovens que pertencem a uma classe social média ou baixa tendem a definir trajetórias mais adaptativas, tais como optar por trabalhar ao invés de ir estudar (Bendit & Miranda, 2015).

Um estudo português (Cairns, 2011) acerca do comportamento habitacional dos jovens adultos, durante o período de crise macroeconómica, verificou que estes tendem a prolongar a estadia em casa dos pais devido à crise e que as suas escolhas habitacionais estão ligadas ao dinheiro e à estabilidade no emprego. Desta feita, apesar do processo de saída de casa dos pais ser denominado de “lançamento”, o que hoje assistimos é, em grande parte, a um “pseudolançamento” do jovem adulto, caracterizado pela dependência do apoio financeiro e o regresso a casa após o término da faculdade (McCullough & Rutenberg, 2007).

Em suma, a relação entre crises macroeconómicas e vida familiar tem sido maioritariamente estudada ao nível do impacto das mudanças

económicas em subsistemas específicos do sistema familiar (i.e., parentalidade e conjugalidade) e em famílias com filhos pequenos e adolescentes. O período de crise que o país atravessa atualmente cria um contexto em que se revela extremamente pertinente investigar as interfaces entre crise económica e vida familiar, contribuindo para o progressivo desenvolvimento e alargamento desta linha de investigação.

## **II – Objetivos**

A presente investigação tem como objetivo principal analisar a relação entre pressão económica e qualidade de vida familiar em famílias com filhos jovens adultos. No sentido de operacionalizar este objetivo principal foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- 1- Analisar a influência de dois indicadores de pressão económica – necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros – na qualidade de vida familiar reportada por a) pais, b) mães e c) filhos jovens adultos, atendendo ao nível socioeconómico.
  
- 2- Analisar a influência das necessidades materiais insatisfeitas e dos cortes e ajustamentos financeiros em quatro dimensões da qualidade de vida familiar – bem-estar financeiro; família, amigos e saúde; média e comunidade; e tempo – nos grupos a), b) e c), atendendo ao nível socioeconómico.

## **III - Metodologia**

### **3.1 Amostra**

Participaram neste estudo 265 sujeitos, num total de 112 famílias, distribuídos por três grupos: a) pais ( $n = 76$ ), mães ( $n = 97$ ) e filhos jovens adultos ( $n = 92$ ). A tabela 1 apresenta a caracterização da amostra total e das subamostras pais, mães e filhos.

**Tabela 1.** Caracterização da Amostra

Variáveis sociodemográficas	Categorias	Pais				Mães		Jovens Adultos		Amostra Total	
		n		%		n		%		N	
		n	%	n	%	n	%	N	%		
Sexo	Feminino	-	-	97	100	70	76.1	167	63.0		
	Masculino	76	100	-	-	22	23.9	98	37.0		
Idade	18 – 23	-	-	-	-	72	78.3	72	26.7		
	24 – 29	-	-	-	-	20	21.6	20	7.6		
	30 – 35	-	-	1	1.0	-	-	1	0.4		
	36 – 41	-	-	3	3.0	-	-	3	1.2		
	42 – 47	9	11.8	28	29.0	-	-	37	13.9		
	48 – 53	42	55.3	43	44.4	-	-	85	32.0		
	54 – 59	20	26.3	21	21.7	-	-	41	15.6		
	60 – 65	5	6.5	1	1.0	-	-	6	2.4		
Estado Civil	Solteiro	-	-	2	2.1	92	100	94	36.2		
	Casado/união de facto	72	98.7	81	83.5	-	-	153	58.8		
	Divorciado	1	1.4	9	9.5	-	-	10	3.8		
	Viúvo	-	-	3	3.2	-	-	3	1.2		
Região de Portugal	Litoral	38	60.3	53	62.4	52	67.5	143	63.6		
	Interior	24	38.1	31	36.5	24	31.2	79	35.1		
	Ilhas	1	1.6	1	1.2	1	1.3	3	1.3		
Situação Laboral	Empregado	61	88.4	72	83.7	15	16.9	148	60.6		
	Desempregado	2	2.9	12	14.0	10	11.2	24	9.8		
	Reformado	6	8.7	1	1.2	-	-	7	2.9		
	Estudante	-	-	1	1.2	64	71.9	65	26.6		
Nível Socioeconómico	Baixo	21	27.6	28	28.9	27	29.3	76	28.7		
	Médio	36	47.4	48	49.5	46	50.0	130	49.1		
	Alto	19	25.0	21	21.6	19	20.7	59	22.3		
Habilitações Literárias	Ensino Básico	10	13.3	10	10.5	-	-	20	7.7		
	2º Ciclo	6	8	8	8.4	-	-	14	5.4		
	3º Ciclo	20	26.7	18	18.9	1	1.1	39	15.0		
	Ensino Secundário	22	29.3	30	31.6	34	37.8	86	33.1		
	Outro	4	5.3	2	2.1	1	1.1	7	2.7		
Religião	Ateu	2	2.7	2	2.2	11	12.4	15	5.9		
	Agnóstico	1	1.4	2	2.2	12	13.5	15	5.9		
	Católico	71	95.9	86	93.5	66	74.2	223	87.5		
	Outra	-	-	2	2.2	-	-	2	0.8		

O grupo dos pais é composto por sujeitos com idades compreendidas entre os 42 e os 63 anos ( $M = 52.34$ ;  $DP = 4.25$ ). A maioria dos sujeitos encontra-se empregada ( $n = 61$ , 88.4%), completou o ensino secundário ( $n = 22$ , 29.3%), é casada ( $n = 75$ , 98.7%), reside em áreas urbanas ( $n = 44$ , 59.5%) e pertence ao litoral de Portugal ( $n = 38$ , 60.3%). Quanto à religião, a maioria é católica ( $n = 72$ , 98.7%).

O grupo das mães é composto por sujeitos com idades compreendidas entre os 34 e os 60 anos ( $M = 49.40$ ;  $DP = 4.78$ ). A maioria dos sujeitos encontra-se empregada ( $n = 72$ , 83.7%), completou o ensino secundário ( $n = 30$ , 31.6%), é casada ( $n = 81$ , 83.5%), reside em áreas urbanas ( $n = 51$ , 55.4%) e pertence ao litoral de Portugal ( $n = 53$ , 62.4%). Quanto à religião, a maioria é católica ( $n = 86$ , 93.5%).

O grupo dos filhos jovens adultos é composto por 22 sujeitos do sexo masculino (23.9%) e 70 do sexo feminino (76.1%). A média de idades é de aproximadamente 22 anos ( $M = 22,37$ ;  $DP = 2,12$ ), sendo o intervalo de idades mais preponderante dos 18 aos 23 anos ( $n = 72$ , 78.3%). Os jovens são maioritariamente estudantes ( $n = 64$ , 71.9%) e já atingiram uma escolaridade igual ou superior à licenciatura ( $n = 54$ , 60%). A maioria dos jovens reside em áreas urbanas ( $n = 50$ , 54.3%) e pertence ao litoral de Portugal ( $n = 52$ , 67.5%). Quanto ao estado civil e religião, os jovens são na sua totalidade solteiros ( $n = 92$ , 100%) e maioritariamente católicos ( $n = 66$ , 74.2%).

### **3.2 Procedimentos de seleção e recolha da amostra**

O presente estudo está inserido num projeto de investigação mais vasto cujo objetivo é obter informação acerca da integração das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na vida familiar, bem como sobre a importância para a família de pressões económicas associadas à atual crise. A equipa de investigação, coordenada pela Professora Doutora Ana Paula Relvas, é composta por elementos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC) e da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP-UL).

A amostra foi recolhida por quatro mestrandas entre dezembro de 2015 e março de 2016 com recurso ao método de bola de neve, sendo

caracterizada como amostragem por conveniência. Os critérios de inclusão utilizados foram os seguintes: 1) pais e mães com filhos jovens adultos a residir no seu agregado e 2) filhos com idades compreendidas entre os 18 e 29 anos. Do protocolo de investigação constavam uma carta convite e o Consentimento Informado com informações relativas ao objetivo do estudo, confidencialidade e anonimato dos participantes e o cariz voluntário da participação (APA, 2002). Previamente foi realizado um estudo-piloto com o intuito de avaliar a aplicabilidade do protocolo e detetar eventuais erros, antes de ser dado início à recolha da amostra. Posteriormente, no caso de famílias com mais do que um filho jovem adulto foi selecionado um dos filhos para integrar o estudo através do método de amostragem aleatória simples.

### **3.3 Instrumentos**

Para os efeitos deste estudo recorreremos à utilização dos instrumentos de autorresposta: 1) Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares 2) Questionário de Dificuldades Económicas e 3) Qualidade de Vida (QOL-VR).

#### **3.3.1 Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares**

O questionário foi elaborado pela equipa de investigação com o objetivo de caracterizar os sujeitos da amostra. Compreende a recolha de dois tipos de informação: dados sociodemográficos (sexo, idade, estado civil, nacionalidade, área de residência, habilitações literárias e profissão) e dados familiares (e.g., composição do agregado familiar).

#### **3.3.2 Questionário de Dificuldades Económicas (Conger & Elder, 1994; versão portuguesa em preparação de Francisco & Pedro, 2016)**

Este questionário foi utilizado para a avaliação da pressão económica, atendendo a dois indicadores: (1) necessidades materiais insatisfeitas, (2)

cortes e ajustamentos financeiros. O primeiro indicador é avaliado através de um conjunto de sete itens (e.g., “*temos dinheiro suficiente para comprar os produtos ou bens necessários para a casa*”) através de uma escala de resposta de *Likert* de 1 (*Discordo totalmente*) a 5 (*Concordo totalmente*). Neste estudo, a cotação deste indicador foi invertida, sendo 1 (*Concordo totalmente*) e 5 (*Discordo totalmente*), pelo que pontuações mais altas indicam mais necessidades materiais insatisfeitas. O segundo indicador é avaliado através de um conjunto de vinte e oito itens relativamente a cortes e ajustamentos nas despesas que a família teve necessidade de fazer durante o último ano devido às dificuldades financeiras [e.g. “*reduzi despesas com vestuário e calçado*”, “*cortei em despesas com atividades sociais e de entretenimento (por exemplo, cortar a TV cabo, desistir do ginásio, deixar de ir ao cinema*”)].

No presente estudo, a pressão económica apenas foi avaliada tendo em conta dois indicadores – necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros, uma vez que, considerando os valores propostos por Pestana e Gageiro (2008), as necessidades materiais insatisfeitas ( $\alpha = .946$ ) apresentaram uma muito boa consistência interna e os cortes e ajustamentos financeiros ( $\alpha = .861$ ) apresentaram uma boa consistência interna, enquanto o indicador incapacidade para pagar contas/fazer face às despesas ( $\alpha = .635$ ) apresentou fraca consistência interna, pelo que não se procedeu à sua análise. As necessidades materiais insatisfeitas revelaram uma muito boa consistência interna nos pais ( $\alpha = .936$ ), mães ( $\alpha = .929$ ) e filhos jovens adultos ( $\alpha = .951$ ). Os cortes e ajustamentos financeiros evidenciaram uma boa consistência interna nos pais ( $\alpha = .877$ ), mães ( $\alpha = .849$ ) e filhos jovens adultos ( $\alpha = .857$ ) (Pestana e Gageiro, 2008).

### **3.3.3 Qualidade de Vida (QOL) – (Olson & Barnes, 1982; versão reduzida de Cunha & Relvas, 2015)**

A qualidade de vida familiar foi avaliada através da versão reduzida do QOL. Este instrumento é composto por 20 itens, apresentados numa escala de *Likert* de cinco pontos, variando desde 1 (*Insatisfeito*) a 5 (*Extremamente satisfeito*), que medem a qualidade de vida familiar, através da avaliação subjetiva do grau de satisfação com as seguintes áreas de vida:

família, amigos, saúde; tempos-livres; média, comunidade; emprego/rendimentos. Os 20 itens encontram-se repartidos por quatro dimensões: Família, Amigos e Saúde; Tempo; Média e Comunidade; e Bem-Estar Financeiro (Cunha & Relvas, 2015). A versão portuguesa de Cunha e Relvas (2015) apresenta uma boa/razoável consistência interna ( $\alpha$  de *Cronbach's* a oscilar entre .67 e .89) (Pestana & Gageiro, 2008). Neste estudo, esta tendência foi reiterada, apresentando uma boa/razoável consistência interna ( $\alpha$  de *Cronbach's* a oscilar entre .73 e .89) (Pestana & Gageiro, 2008).

Relativamente aos grupos, os valores variaram de fraca a muito boa consistência interna, designadamente nos pais ( $\alpha$  de *Cronbach's* a oscilar entre .65 e .88), nas mães ( $\alpha$  de *Cronbach's* a oscilar entre .71 e .93), e nos filhos jovens adultos ( $\alpha$  de *Cronbach's* a oscilar entre .68 e .86) (Pestana e Gageiro, 2008).

### 3.4 Análise Estatística

A análise estatística dos dados recolhidos realizou-se com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22. De seguida, serão apresentados alguns dos procedimentos que se revelaram necessários para a realização deste trabalho. Primeiramente, realizou-se o agrupamento da variável escolaridade (Ensino Básico, 2º Ciclo, 3º Ciclo, Ensino Secundário, Ensino Superior) e criaram-se as variáveis Nível Socioeconómico (NSE) (alto, médio, baixo) e zona de residência (litoral, interior e ilhas). De salientar que o nível socioeconómico (Simões, 1994) e a etapa do ciclo vital (Relvas, 2004) foram determinados pela equipa de investigação, tendo em conta a classificação proposta pelos autores supracitados. Devido à existência de *missings* foi ainda necessário proceder à imputação dos valores, através das ferramentas do *software* SPSS, tendo em consideração que sendo estes inferiores a 20% não seriam suscetíveis de enviesar os dados (Pestana e Gageiro, 2008).

Seguidamente foram realizadas análises descritivas, para a caracterização da amostra. De modo a cumprir os objetivos anteriormente apresentados, foram realizadas análises de regressão linear múltipla para

averiguar o efeito dos indicadores de pressão económica na qualidade de vida familiar global e nas suas quatro dimensões, controlando-se a influência do NSE, no grupo dos pais, das mães e dos filhos jovens adultos. Para tal, e tendo em conta que o NSE é uma variável categórica com três níveis, foi necessário proceder à criação de duas variáveis auxiliares ou *dummies* para efetuar a regressão linear múltipla, tomando como valor de referência o NSE baixo. Para assegurar as condições de aplicabilidade da regressão linear múltipla, foram averiguados (para todas as regressões efetuadas) os seguintes pressupostos: 1) o teste da normalidade da distribuição da amostra (*Kolmogorov-Smirnov*), a análise da multicolinearidade, onde foi possível verificar que os valores da tolerância se encontravam suficientemente afastados de 0 e os da VIF inferiores a 5; e 3) a análise da independência dos resíduos (*Durbin-Watson*), onde se verificaram valores próximos de 2.

Para a totalidade do grupo dos filhos jovens adultos, o estado civil correspondeu ao solteiro, pelo que foi necessário proceder à eliminação do item 2 “*grau de satisfação com o casamento*” do instrumento QOL. Após a eliminação do item, foram realizadas novas análises da consistência interna para determinação do *alpha de Cronbach*, tendo-se verificado bons valores de fiabilidade do instrumento ao nível do *score* total ( $\alpha = .881$ ) e da dimensão a que pertencia o item – Família, Amigos e Saúde – ( $\alpha = .744$ ), atendendo aos critérios propostos por Pestana e Gageiro (2008).

#### **IV - Resultados**

##### **4.1 Indicadores de pressão económica e qualidade de vida familiar (*score* global)**

###### **a) Pais**

Foi possível constatar que aproximadamente 16% da variação da qualidade de vida familiar é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .166). Verifica-se a adequabilidade do modelo proposto,  $F(4,71) = 4.727$ ,  $p < .05$ . Como apresentado na Tabela 2,

o indicador necessidades materiais insatisfeitas foi o único preditor significativo ( $\beta = -.396, p < .05$ ) no modelo.

### **b) Mães**

Foi possível constatar que aproximadamente 30% da variabilidade da qualidade de vida familiar é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .304). Este modelo revelou-se adequado,  $F(4,92) = 11.47, p < .05$ .

Como é possível verificar na Tabela 2, as necessidades materiais insatisfeitas e o NSE explicam significativamente a qualidade de vida familiar, revelando-se as necessidades materiais insatisfeitas o melhor preditor ( $\beta = -.495, p < .001$ ).

Verifica-se ainda que, quando controladas as outras variáveis do modelo, os valores de qualidade de vida familiar decrescem 0.294 pontos quando passamos do NSE baixo para o médio e 0.298 pontos quando passamos do NSE baixo para o alto.

### **c) Filhos jovens adultos**

Foi possível constatar que aproximadamente 15% da variabilidade da qualidade de vida familiar é explicada pelo modelo que inclui como variáveis necessidades materiais insatisfeitas, cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .152). Constata-se a adequabilidade do modelo proposto,  $F(4,87) = 5.06, p < .05$ .

Como é possível verificar na Tabela 2, o nível de cortes e ajustamentos financeiros ( $\beta = -.374, p < .001$ ) foi o único preditor significativo para o modelo.

**Tabela 2.** Variáveis predictoras da qualidade de vida familiar (score global)

Grupo	Variáveis predictoras	$\beta$	$t$	$p$
	Constante			.000
Pais	necessidades materiais insatisfeitas	-.396	-2.86	.006*
	cortes e ajustamentos financeiros	-.086	-.66	.512
	NSE (médio)	-.191	-1.48	.144
	NSE (alto)	-.166	-1.21	.229
	Constante			.000
Mães	necessidades materiais insatisfeitas	-.495	-4.77	.000**
	cortes e ajustamentos financeiros	-.143	-1.44	.152
	NSE (médio)	-.294	-2.87	.005*
	NSE (alto)	-.298	-2.80	.006*
	Constante			.000
Filhos jovens adultos	necessidades materiais insatisfeitas	-.092	-.85	.396
	cortes e ajustamentos financeiros	-.374	-3.70	.000**
	NSE (médio)	.048	.42	.679
	NSE (alto)	.090	.74	.462

\* $p < .05$  \*\*  $p < .001$ 

## 4.2 Indicadores de pressão económica e dimensões da qualidade de vida familiar

### 4.2.1 Bem-estar financeiro

#### a) Pais

Foi possível constatar que aproximadamente 41% da variabilidade do bem-estar financeiro é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .415). Este modelo revelou-se adequado,  $F(4,71) = 14.32$ ,  $p < .05$ .

Como é possível verificar na Tabela 3, as necessidades materiais insatisfeitas e o NSE explicam significativamente o bem-estar financeiro,

revelando-se as necessidades materiais insatisfeitas o melhor preditor ( $\beta = -.482, p < .001$ ).

Verifica-se ainda que, quando controladas as outras variáveis do modelo, os valores de bem-estar financeiro decrescem 0.302 pontos quando passamos do NSE baixo para o médio.

### **b) Mães**

Foi possível constatar que aproximadamente 43% da variabilidade do bem-estar financeiro é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .429). Este modelo revelou-se adequado,  $F(4,92) = 19.01, p < .05$ .

Como é possível verificar na Tabela 3, as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE explicam significativamente o bem-estar financeiro, revelando-se as necessidades materiais insatisfeitas o melhor preditor ( $\beta = -.465, p < .001$ ).

Verifica-se ainda que, quando controladas as outras variáveis do modelo, os valores de bem-estar financeiro decrescem 0.267 pontos quando passamos do NSE baixo para o médio e 0.198 pontos quando passamos do NSE baixo para o alto.

### **c) Filhos jovens adultos**

Foi possível constatar que aproximadamente 20% da variabilidade do bem-estar financeiro é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .206). Constata-se a adequabilidade do modelo proposto,  $F(4,87) = 6.90, p < .05$ .

Como é possível verificar na Tabela 3, o nível de cortes e ajustamentos financeiros ( $\beta = -.370, p < .001$ ) foi o único preditor significativo para o modelo.

**Tabela 3.** Variáveis preditoras do bem-estar financeiro

Grupo	Variáveis preditoras	$\beta$	$t$	$p$
Pais	Constante			.000
	necessidades materiais insatisfeitas	-.482	-4.16	.000**
	cortes e ajustamentos financeiros	-.148	-1.36	.180
	NSE (médio)	-.302	-2.80	.007*
	NSE (alto)	-.081	-.71	.480
Mães	Constante			.000
	necessidades materiais insatisfeitas	-.465	-4.97	.000**
	cortes e ajustamentos financeiros	-.304	-3.40	.001*
	NSE (médio)	-.267	-2.88	.005*
	NSE (alto)	-.198	-2.06	.042*
Filhos jovens adultos	Constante			.000
	necessidades materiais insatisfeitas	-.142	-1.36	.178
	cortes e ajustamentos financeiros	-.370	-3.78	.000**
	NSE (médio)	.131	1.17	.247
	NSE (alto)	.168	1.42	.159

\* $p < .05$  \*\*  $p < .001$ 

## 4.2.2 Família, amigos e saúde

### a) Pais

Foi possível constatar que aproximadamente 7% da variabilidade da família, amigos e saúde é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .075). Constata-se a adequabilidade do modelo proposto,  $F(4,71) = 2.52, p < .05$ .

Como é possível verificar na Tabela 4, o nível de necessidades materiais insatisfeitas ( $\beta = -.442, p < .05$ ) foi o único preditor significativo para o modelo.

### b) Mães

Foi possível constatar que aproximadamente 9% da variabilidade da família, amigos e saúde é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e

o NSE ( $R^2$  ajustado = .088). Constata-se a adequabilidade do modelo proposto,  $F(4,92) = 3.30, p < .05$ .

Como é possível verificar na Tabela 4, o nível de necessidades materiais insatisfeitas ( $\beta = -.395, p < .05$ ) foi o único preditor significativo para o modelo.

### c) Filhos jovens adultos

Foi possível constatar que aproximadamente 10% da variabilidade da família, amigos e saúde é explicada pelo modelo que inclui como variáveis as necessidades materiais insatisfeitas, os cortes e ajustamentos financeiros e o NSE ( $R^2$  ajustado = .105). Constata-se a adequabilidade do modelo proposto,  $F(4,87) = 3.68, p < .05$ .

Como é possível verificar na Tabela 4, o nível de cortes e ajustamentos financeiros ( $\beta = -.276, p < .05$ ) foi o único preditor significativo para o modelo.

**Tabela 4.** Variáveis predictoras da família, amigos e saúde

Grupo	Variáveis predictoras	$\beta$	$t$	$p$
Pais	Constante			.000
	necessidades materiais insatisfeitas	-.442	-3.03	.003*
	cortes e ajustamentos financeiros	.233	1.70	.094
	NSE (médio)	-.183	-1.35	.182
	NSE (alto)	-.244	-1.69	.095
Mães	Constante			.000
	necessidades materiais insatisfeitas	-.395	-3.34	.001*
	cortes e ajustamentos financeiros	.071	.63	.532
	NSE (médio)	-.068	-.58	.562
	NSE (alto)	-.054	-.45	.656
Filhos jovens adultos	Constante			.000
	necessidades materiais insatisfeitas	-.142	-1.29	.202
	cortes e ajustamentos financeiros	-.276	-2.66	.009*
	NSE (médio)	-.086	-.72	.476
	NSE (alto)	.053	.42	.676

\* $p < .05$  \*\*  $p < .001$

### 4.2.3 Média e comunidade

Relativamente a esta dimensão, dos modelos testados apenas o referente às mães se revelou adequado,  $F(4,92) = 3.70, p < .05$ . Foi possível constatar que aproximadamente 10% da variabilidade da média e comunidade é explicada pelo modelo ( $R^2$  ajustado = .101).

Como é possível verificar na Tabela 5, as necessidades materiais insatisfeitas e o NSE explicam significativamente a média e comunidade, revelando-se o NSE o melhor preditor ( $\beta = -.393, p < .05$ ). Verifica-se ainda que, quando controladas as outras variáveis do modelo, os valores de média e comunidade decrescem 0.393 pontos quando passamos do NSE baixo para o alto.

**Tabela 5.** Variáveis predictoras de média e comunidade

Grupo	Variáveis predictoras	$\beta$	$t$	$p$
	Constante			.000
Mães	necessidades materiais insatisfeitas	-.308	-2.62	.010*
	cortes e ajustamentos financeiros	.001	.012	.991
	NSE (médio)	-.213	-1.83	.071
	NSE (alto)	-.393	-3.26	.002*

\* $p < .05$  \*\*  $p < .001$

### 4.2.4 Tempo

Relativamente a esta dimensão, dos modelos testados apenas o referente às mães se revelou adequado,  $F(4,92) = 3.18, p < .05$ . Foi possível constatar que aproximadamente 8% da variabilidade do tempo é explicada pelo modelo ( $R^2$  ajustado = .083). Como é possível verificar na Tabela 6, as necessidades materiais insatisfeitas, e o NSE explicam significativamente o tempo, revelando-se o NSE o melhor preditor ( $\beta = -.274, p < .05$ ).

Verifica-se ainda que, quando controladas as outras variáveis do modelo, os valores de tempo decrescem 0.274 pontos quando passamos do NSE baixo para o médio e 0.258 pontos quando passamos do NSE baixo para o alto.

**Tabela 6.** Variáveis preditoras do tempo

Grupo	Variáveis preditoras	$\beta$	$t$	$p$
	Constante			.000
Mães	necessidades materiais insatisfeitas	-.266	-2.24	.027*
	cortes e ajustamentos financeiros	-.066	-.58	.562
	NSE (médio)	-.274	-2.33	.022*
	NSE (alto)	-.258	-2.12	.037*

\* $p < .05$  \*\*  $p < .001$ 

## V – Discussão

A presente investigação teve como principal objetivo analisar a relação entre dois indicadores de pressão económica (necessidades materiais insatisfeitas e cortes e ajustamentos financeiros) e a qualidade de vida familiar reportada por pais, mães e filhos jovens adultos. De modo geral, a pressão económica reportada numa altura de crise macroeconómica está associada a piores níveis de qualidade de vida familiar. Estes resultados são expectáveis e consistentes com a literatura que afirma que períodos de crise macroeconómica podem trazer consequências adversas e severas para as famílias (Conger et al., 1990; Voydanoff, 1990).

O grupo das mães foi o único para o qual obtivemos sempre modelos adequados e o que apresentou maiores níveis de variância explicada. Deste modo, os resultados sugerem que é nas mães que existe um maior impacto da pressão económica na qualidade de vida familiar. Tal facto poder-se-á justificar por a sociedade portuguesa estar a caminhar para papéis de género mais igualitários, sendo já frequente em inúmeras famílias ser da responsabilidade da mulher a gestão dos rendimentos. Estes resultados contribuem para a literatura que demonstra diferenças de género em relação à experiência de dificuldades macroeconómicas (e.g., Kwon et al., 2003; Ponnet et al., 2014). Olson e cols. (1983) verificaram através de estudos realizados, que os homens tendem a classificar a sua satisfação global com a qualidade de vida mais elevada do que as mulheres, embora não seja referido pelo autor se esta é uma diferença significativa.

O indicador necessidades materiais insatisfeitas revelou ser o mais influente na explicação do impacto da pressão económica na qualidade de vida familiar no grupo dos pais e das mães, sugerindo que quanto mais necessidades materiais insatisfeitas pior é a qualidade de vida familiar reportada. As necessidades materiais insatisfeitas referem-se possivelmente a áreas (e.g., ter dinheiro suficiente para ter uma casa adequada à família, ter dinheiro suficiente para comprar a comida necessária, ter dinheiro suficiente para os cuidados de saúde necessários) de maior preocupação para os pais (pais e mães) do que para os filhos, uma vez que ao residirem ainda com os pais, os filhos não participam na gestão dos rendimentos e como tal podem não ter uma real perceção da situação financeira dos seus pais.

O indicador cortes e ajustamentos financeiros foi o mais determinante na explicação do impacto da pressão económica na qualidade de vida familiar no grupo dos filhos jovens adultos. Desta forma, quanto mais cortes forem realizados pior a qualidade de vida familiar reportada pelos filhos. Estes resultados sugerem que os filhos jovens adultos percecionam os cortes e ajustamentos financeiros de uma forma mais significativa do que os seus pais, sendo expectável que os primeiros cortes realizados em tempos de crise possam ser em áreas consideradas importantes para os jovens (e.g., vestuário, férias, atividades sociais e de entretenimento) e, como tal, mais sentidos pelos mesmos. Neste sentido, segundo Davis e Mantler (2004) a experiência de adversidade económica pode ser conotada positivamente e estar associada a mudanças vantajosas como adquirir competências na gestão das finanças pessoais.

No geral, a dimensão bem-estar financeiro revelou ser a mais influenciada negativamente pela pressão económica. Estes resultados enquadram-se no contexto de crise macroeconómica vigente que as famílias atravessam, uma vez que esta dimensão se refere ao nível de rendimentos, poupança, ao dinheiro para as necessidades familiares presentes e futuras e à capacidade para lidar com emergências financeiras. Segundo Voydanoff (1990), garantir as necessidades básicas de subsistência dos membros da família é uma das principais funções familiares. Assim, o padrão de vida de uma família é dependente das atividades económicas dos seus membros. O bem-estar financeiro está relacionado com o número de ordenados, a

quantidade de rendimentos de cada membro e com as necessidades da família tendo em conta o seu tamanho e composição.

A pressão económica reportada pelos pais, mães e jovens adultos está também associada a piores níveis de qualidade de vida na dimensão família, amigos e saúde. Mais especificamente, as necessidades materiais insatisfeitas reportadas pelos pais e mães e os cortes e ajustamentos financeiros reportados pelos filhos jovens adultos parecem influenciar negativamente a forma como estes se sentem em relação à sua família, saúde, amigos e relações familiares. Estes resultados remetem-nos para diversos estudos (Conger & Conger, 1992; Conger & Conger, 2002; Conger et al., 2010) que indicam que a pressão económica tem um impacto ao nível individual (e.g., irritabilidade, instabilidade emocional, sintomas depressivos, ansiedade, desmoralização e *stress*) e que se repercute ao nível da parentalidade (e.g., hostilidade parental) prejudicando as relações familiares.

As dimensões tempo, média e comunidade em contexto de crise macroeconómica não parecem ser influenciadas pela pressão económica no grupo dos filhos jovens adultos, provavelmente devido ao facto destes jovens estarem nesta fase das suas vidas ativamente envolvidos na comunidade e concentrados em tirar partido da mesma. Também no grupo dos pais estas dimensões não parecem ser afetadas pela pressão económica. Contrariamente, a pressão económica reportada pelas mães revelou influenciar negativamente as dimensões tempo, média e comunidade. Contudo, Nabais (2007) verificou que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres na perceção da qualidade de vida familiar global.

Complementarmente, a perceção da qualidade de vida familiar varia consoante as tarefas e crises inerentes às etapas do ciclo vital da família, sendo potencialmente influenciada por variáveis como o nível socioeconómico, a zona de residência, a composição do agregado familiar e estrutura familiar (tipo de família) dos sujeitos (Morais, 2008; Vaz, 2010). Relativamente à variável nível socioeconómico utilizada como controlo, os resultados evidenciaram que o nível socioeconómico médio e alto está associado a piores níveis de qualidade de vida familiar. Contrariamente ao que se verificou no nosso estudo, seria expetável encontrarmos uma qualidade de vida familiar mais pobre em sujeitos que apresentam maiores

dificuldades económicas ou que pertencem a um nível socioeconómico inferior, pelo facto de disporem de menos recursos para fazer face às dificuldades. Estes resultados podem ser explicados se tivermos em conta que sujeitos com níveis socioeconómicos mais elevados têm uma maior exigência no que concerne às perceções que criam relativamente à sua qualidade de vida familiar, apresentando como tal, níveis inferiores quando comparados com o nível socioeconómico baixo. No mesmo sentido, Liker e Elder (1983) afirmaram que lidar com quebras repentinas nos rendimentos em contexto de crise económica parece ser mais *stressante* do que enfrentar dificuldades económicas de uma forma crónica e persistente, uma vez que, aumenta a discrepância entre as necessidades habituais das famílias e os recursos disponíveis para as satisfazer (Liker & Elder, 1983 cit. in Fonseca et al., no prelo).

O nível socioeconómico não se revelou significativo na influência da qualidade de vida familiar nos filhos jovens adultos. Tal pode ser compreendido à luz da literatura encontrada, pois tal como vimos os jovens adultos saem cada vez mais tarde de casa, em grande parte devido à continuação dos estudos ou devido ao ingresso e permanência no mercado de trabalho (Alarcão, 2006). Consequentemente, a sua independência económica vai sendo adiada (Alarcão, 2006; Cairns, 2011). É também evidente que o nível de apoio que as famílias prestam a estes jovens é extenso e continuará a ser no futuro, caso a crise macroeconómica permaneça (Cairns, 2011).

São várias as alterações sociais e económicas que têm vindo a marcar as últimas décadas e que acabam por ter repercussões na qualidade de vida das famílias. Tendo em conta o que na literatura é relatado, os estudos confirmam que as famílias com filhos jovens adultos, designadamente as famílias lançadoras estão sujeitas a múltiplos desafios vivenciando esta fase com menores níveis de qualidade de vida familiar percebida (Olson et al., 1983; Morais, 2008). Em síntese, o contexto de crise macroeconómica torna-se particularmente difícil para famílias com filhos jovens adultos (Sein et al., 2011).

### **Limitações do estudo e sugestões para investigações futuras**

O presente estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar

parece-nos importante fazer uma ressalva relativamente às características da amostra. Assim, a amostra em causa foi essencialmente composta por sujeitos empregados e com um nível de escolaridade elevado (ensino secundário ou superior). Como tal, a amostra de conveniência não é representativa da população portuguesa, logo há que ter cuidados em termos da generalização destes resultados. Além disso, no grupo dos filhos jovens adultos existe alguma discrepância entre o número de homens e mulheres, sendo maioritariamente constituído por mulheres. Adicionalmente, encontrámos algumas dificuldades na recolha da amostra, visto que a maioria dos jovens se encontra a estudar longe do seu núcleo familiar a recolha dos dados junto dos pais, foi por vezes condicionada.

Uma outra limitação refere-se à eliminação de um dos indicadores de pressão económica devido ao seu baixo valor de consistência interna, apesar de se ter pensado inicialmente que seria possível a sua utilização. Como tal, a interpretação dos resultados poderá ter sido condicionada, tendo em conta os indicadores que têm vindo a ser utilizados na literatura (Ferreira, Pedro, & Francisco, 2015).

A realização deste estudo permitiu levantar questões pertinentes para investigações futuras, nomeadamente perceber o efeito da crise macroeconómica em famílias com um nível socioeconómico elevado, e comparar o nível de resiliência de famílias com um nível socioeconómico baixo e alto, em contextos de crise. Na linha do nosso estudo, seria ainda interessante incluir na análise variáveis como o tipo de família e a zona de residência e continuar a apostar no desenvolvimento, adaptação e validação de medidas específicas, atendendo às particularidades da população portuguesa, que permitam avaliar a perceção das famílias em contextos de crise macroeconómica. Em estudos futuros realça-se a importância de fazer uma análise considerando a família como um todo, permitindo desta forma obter a verdadeira perceção da família quanto à sua qualidade de vida familiar e não a perceção individualizada de cada membro da família.

Contudo, este estudo apresenta contribuições importantes para a investigação portuguesa, nomeadamente ao nível da relação entre a crise macroeconómica e a qualidade de vida familiar em famílias com filhos jovens adultos, atendendo à perceção dos pais, mães e filhos jovens adultos. Mais especificamente, a inclusão na análise do nível socioeconómico

revelou-se pertinente pelos resultados obtidos e por acrescentar à investigação mais informação relativa a esta variável, frequentemente, descurada na literatura.

## **VI - Conclusões**

O impacto da crise macroeconómica na vivência das famílias tem sido evidenciado ao longo dos anos. No entanto, a tese de que as famílias com filhos jovens adultos podem ser afetadas pela crise de uma forma particular tem vindo a ganhar força, visto que esta condiciona a execução das tarefas inerentes a esta etapa do ciclo vital. Como tal, nos últimos anos, tem-se verificado que a saída dos filhos de casa é adiada devido ao prolongamento dos estudos, às dificuldades em encontrar emprego e/ou a questões habitacionais, aos problemas económicos e à necessidade de uma maior maturidade para o casamento e para a parentalidade (Alarcão, 2006; Cairns, 2011).

O período de crise que o país atravessa atualmente cria um contexto em que se revela extremamente pertinente investigar as interfaces entre crise económica e vida familiar, contribuindo para o progressivo desenvolvimento e alargamento desta linha de investigação. Atendendo à escassez de estudos nesta etapa particular da vida familiar e à pertinência de compreender como estas famílias vivem este período de crise, o presente estudo pretendeu estudar a relação entre a pressão económica decorrente da crise e a qualidade de vida familiar em famílias com filhos jovens adultos.

De um modo geral, os resultados obtidos permitem concluir que a pressão económica reportada numa altura de crise macroeconómica está associada a piores níveis de qualidade de vida familiar de pais, mães e filhos.

### Bibliografia

- Alarcão, M. (2006). Família com filhos adultos. In M. Alarcão, *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª ed., pp. 185-201). Coimbra: Quarteto.
- American Psychological Association (APA). (2002). *Ethical principles of psychologists and code of conduct*. Washington, DC: Author.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood - A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-480. doi:10.1037//0003
- Arnett, J. J., Žukauskiene, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18-29 years: Implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, 1(7), 569–576. doi:10.1016/S2215-0366(14)00080-7
- Aytaç, I. A., & Rankin, B. H. (2009). Economic crisis and marital problems in Turkey: Testing the family stress model. *Journal Of Marriage & Family*, 71(3), 756-767. doi:10.1111/j.1741-3737.2009.00631.x
- Bendit, R., & Miranda, A. (2015). Transitions to adulthood in contexts of economic crisis and post-recession. The case of Argentina. *Journal of Youth Studies*, 18(2), 183-196. doi:10.1080/13676261.2014.94411
- Brooks-Gunn, J., Schneider, W., & Waldfogel, J. (2013). The great recession and the risk for child maltreatment. *Child Abuse and Neglect*, 37(10), 721–729. doi:10.1016/j.chiabu.2013.08.004

- Cairns, D. (2011). Youth, precarity and the future: Undergraduate housing transitions in Portugal during the economic crisis. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 66, 9-25.
- Conger, K. J., Rueter, M. A., & Conger, R. D. (2000). The role of economic pressure in the lives of parents and their adolescents: The family stress model. Em L. J. Crockett, & R. N. Silbereisen. *Negotiating Adolescence in Times of Social Change* (pp. 201-223). New York: Cambridge University Press.
- Conger, R. D., & Conger, K. J. (2002). Resilience in midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 361-373. Retrieved from <http://search.proquest.com/docview/219772533?accountid=43959>
- Conger, R., & Conger, K. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development*, 63(3), 526. doi:10.1111/1467-8624.ep9207061028
- Conger, R. D., Conger, K. J., & Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 685-704. Retrieved from <http://search.proquest.com/docview/618696294?accountid=43959>
- Conger, R. D., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology*, 58, 175-199. doi: 10.1146/annurev.psych.58.110405.085551

- Conger, R. D., & Elder, G. H. (1994). *Families in troubled times: Adapting to change in rural America*. New York: Walter de Gruyter.
- Conger, R. D., Elder, G. H., Lorenz, F. O., Conger, K. J., Simons, R. L., Whitbeck, L. B., . . . Melby, J. N. (1990). Linking economic hardship to marital quality and instability. *Journal of Marriage and the Family*, 52(3), 643–656. doi:10.2307/352931
- Cunha, D., & Relvas, A. P. (2015). Qualidade de Vida (QOL): Versão reduzida. In A. P. Relvas & S. Major (Eds.), *Instrumentos de avaliação familiar: Vulnerabilidade, stress e adaptação* (Vol. II). Livro em preparação.
- Davis, A., & Havighurst, R. J. (1946). Social class and color differences in child-rearing. *American Sociological Review*, 11(6), 698–710.
- Davis, M. & Mantler, J. (2004). *The consequences of financial stress for individuals, families, and society*. Report for the Centre for Research on Stress, Coping, and Wellbeing, Universidade de Carleton, Ottawa, Canadá.
- De Vogli, R. (2014). The financial crisis, health and health inequities in Europe: The need for regulations, redistribution and social protection. *International Journal for Equity in Health*, 13, 58. doi:10.1186/s12939-014-0058-6
- Economou, M., Madianos, M., Peppou, L. E., Patelakis, A., & Stefanis, C. N. (2013). Major depression in the era of economic crisis: A replication

- of a cross-sectional study across Greece. *Journal of Affective Disorders*, 145(3), 308–314. doi:10.1016/j.jad.2012.08.008
- Elder, G. H., Conger, R. D., Foster, E. M., & Ardel, M. (1992). Families under economic pressure. *Journal of Family Issues*, 13(1), 5–37. doi:10.1177/019251392013001002
- Fagulha, T., Duarte, M. E., & Miranda, M. J. (2000). A “qualidade de vida”: Uma nova dimensão psicológica?. *Psychologica*, 25, 5-17.
- Falconier, M. K. (2010). Female anxiety and male depression: Links between economic strain and psychological aggression in Argentinean couples. *Family Relations*, 59(4), 424–438. doi:10.1111/j.1741-3729.2010.00613.x
- Ferreira., S. I., Pedro & Francisco, M. F. (2015). “Entre marido e mulher, a crise mete a colher”: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. *PSICOLOGIA*, 29 (1), 11-22.
- Fonseca, G., Cunha, D., Crespo C., & Relvas A. (s.d.). *Families in the context of macroeconomic crises: A systematic review*. Manuscrito submetido para publicação, Psicologia, Universidade de Coimbra e de Lisboa, Portugal.
- Francisco, R. & Pedro, M. (2016). *Questionário de dificuldades económicas*. Trabalho em preparação.
- Greenleaf, A. T. (2014). Making the best of a bad situation: Career counseling young adults in the aftermath of the great recession. *Journal Of*

*Employment Counseling*, 51(4), 158-169. doi:10.1002/j.2161-1920.2014.00049.x

Instituto Nacional de Estatística (2014). *Dinâmica e caracterização dos jovens não empregados que não estão em educação ou formação (NEEF) em Portugal*. Estatísticas do Emprego – 3º trimestre de 2014. Retirado de [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_estudos&ESTUDOSest\\_boui=222612776&ESTUDOSmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_estudos&ESTUDOSest_boui=222612776&ESTUDOSmodo=2&xlang=pt)

Instituto Nacional de Estatística (2016). *Estimativas mensais de emprego e desemprego*. Estimativa da taxa de desemprego em abril. Retirado de [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=247198330&DESTAQUESmodo=2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=247198330&DESTAQUESmodo=2)

Johnson, D. R., & Booth, A. (1990). Rural economic decline and marital quality: A panel study of farm marriages. *Family Relations*, 39(2), 159–165. doi:10.2307/585718

Kinnunen, U., & Pulkkinen, L. (1998). Linking economic stress to marital quality among Finnish marital couples. *Journal of Family Issues*, 19(6), 705–724. doi:10.1177/019251398019006003

Kloep, M. (1995). Concurrent and predictive correlates of girls' depression and antisocial behaviour under conditions of economic crisis and value changes: The case of Albania. *Journal of Adolescence*, 18(4), 445–458. doi:10.1006/jado.1995.1032

- Kwon, H., Rueter, M. A., Lee, M., Koh, S., & Ok, S. W. (2003). Marital relationships following the Korean economic crisis: Applying the family stress model. *Journal of Marriage and Family*, 65(2), 316–325. doi:10.1111/j.1741-3737.2003.00316.x
- Liker, J. K., & Elder, G. H. (1983). Economic hardship and marital relations in the 1930s. *American Sociological Review*, 48(3), 343–359. doi:10.2307/2095227
- Lourtie, P. (2011). Portugal no contexto da crise do euro. *Relações Internacionais*, 32, 61-105.
- McCullough, P. G., & Rutenberg, S. K. (2007). Lançando os filhos e seguindo em frente: Uma estrutura para a terapia familiar. Em B. Carter, & M. McGoldrick, *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar* (2ª ed., pp. 248-267). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Minuchin, S. (1979). *Familias en thérapie*. Paris: Ed. Jean Pierre Delarge.
- Morais, T. (2008). *Das “Famílias Lançadoras” ao “Ninho Vazio” – percepção dos pais do Stress, Coping e Qualidade de Vida Familiar: um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Nabais, A. (2007). *Diferenças de género na percepção do stress, coping e qualidade de vida familiares*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Coelho, R. N., & Estramiana, A. (2014). Alargamiento de la juventud e identidade: Un estudio de los procesos de transición a la vida adulta de jóvenes en Brasil e España. *Athenea Digital (Revista De Pensamiento E Investigación Social)*, 14(2), 21-37.
- Olson, D. H., & Barnes, H. (1982). Quality of life. In D. Olson et al. (Eds.), *Family inventories* (pp. 137-148). St-Paul, Minnesota: University of Minnesota, Family Social Science.
- Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H., Larsen, A., Moxen, M., & Wilson, M. (1983). *Families: What makes them work*. London, England: Sage.
- Park, J., Hoffman, L., Marquis, J., Turnbull, A. P., Poston, D., Hannan, H., Wang, M., & Nelson, L. L. (2003). Toward assessing family outcomes of service delivery: Validation of a quality of life survey. *Journal of Intellectual Disability Research*, 47, 367-384.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (5ª ed.)*. Lisboa: Sílabo.
- Ponnet, K., Wouters, E., Goedemé, T., & Mortelmans, D. (2014). Family financial stress, parenting and problem behavior in adolescents: An actor-partner interdependence approach. *Journal of Family Issues*, 43(10), 1752–1769. doi:10.1007/s10964-014-0159-y
- Relvas, A. P. (2004). *O Ciclo vital da família. Perspectiva Sistémica (3ª ed.)*. Porto: Edições Afrontamento.

- Robila, M., & Krishnakumar, A. (2005). Effects of economic pressure on marital conflict in Romania. *Journal of Family Psychology*, *19*(2), 246–251. doi:10.1037/0893-3200.19.2.246
- Schalock, R., & Verdugo, M. A. (2006). Revision actualizada del concepto de calidad de vida. In M. Á. Verdugo (Ed.), *Cómo mejorar la calidad de vida de las personas con discapacidad. Instrumentos y estrategias de evaluación* (pp. 29-41). Salamanca, Espanha: Amarú.
- SEDES (2012). O impacto da crise no bem-estar dos portugueses. *Associação para o Desenvolvimento Económico e Social*. Consultado a 4 de novembro de 2015 em <http://www.sedes.pt/documentacao.aspx?args=2,8&tipo=artigos&ID=61>
- Shek, D. L., & Lee, T. Y. (2007). Family life quality and emotional quality of life in Chinese adolescents with and without economic disadvantage. *Social Indicators Research*, *80*(2), 393-410. doi:10.1007/s11205-006-6624-6
- Simões, J. (2008). *Qualidade de Vida: estudo de validação para a população portuguesa*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Simões, M.M.R. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas de Raven* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Siu, A. H., & Shek, D. L. (2005). Relations between social problem solving and indicators of interpersonal and family well-being among Chinese adolescents in Hong Kong. *Social Indicators Research*, *71*(1-3), 517-539. doi:10.1007/s11205-004-8034-y
- Solantaus, T., Leinonen, J., & Punamäki, R.-L. (2004). Children's mental health in times of economic recession: Replication and extension of the family economic stress model in Finland. *Developmental Psychology*, *40*(3), 412-429. doi:10.1037/0012-1649.40.3.412
- Stein, C. H., Abraham, K. M., Bonar, E. E., Leith, J. E., Kraus, S. W., Hamill, A. C., & ... Fogo, W. R. (2011). Family ties in tough times: How young adults and their parents view the U.S. economic crisis. *Journal of Family Psychology*, *25*(3), 449-454. doi:10.1037/a0023697
- Tyndall, B. D., & Christie-Mizell, C. A. (2016). Mastery, homeownership, and adult roles during the transition to adulthood. *Sociological Inquiry*, *86*(1), 5-28. doi:10.1111/soin.12099
- Vaz, J. (2010) *Qualidade de vida e coping ao longo do ciclo vital da família*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Voydanoff, P. (1990). Economic distress and family relations: A review of the eighties. *Journal of Marriage & Family*, *52*(4), 1099-1115.
- WHOQOL Group. (1994). Development of the WHOQOL: Rationale and current status. *International Journal of Mental Health*, *23*(3), 24-56.